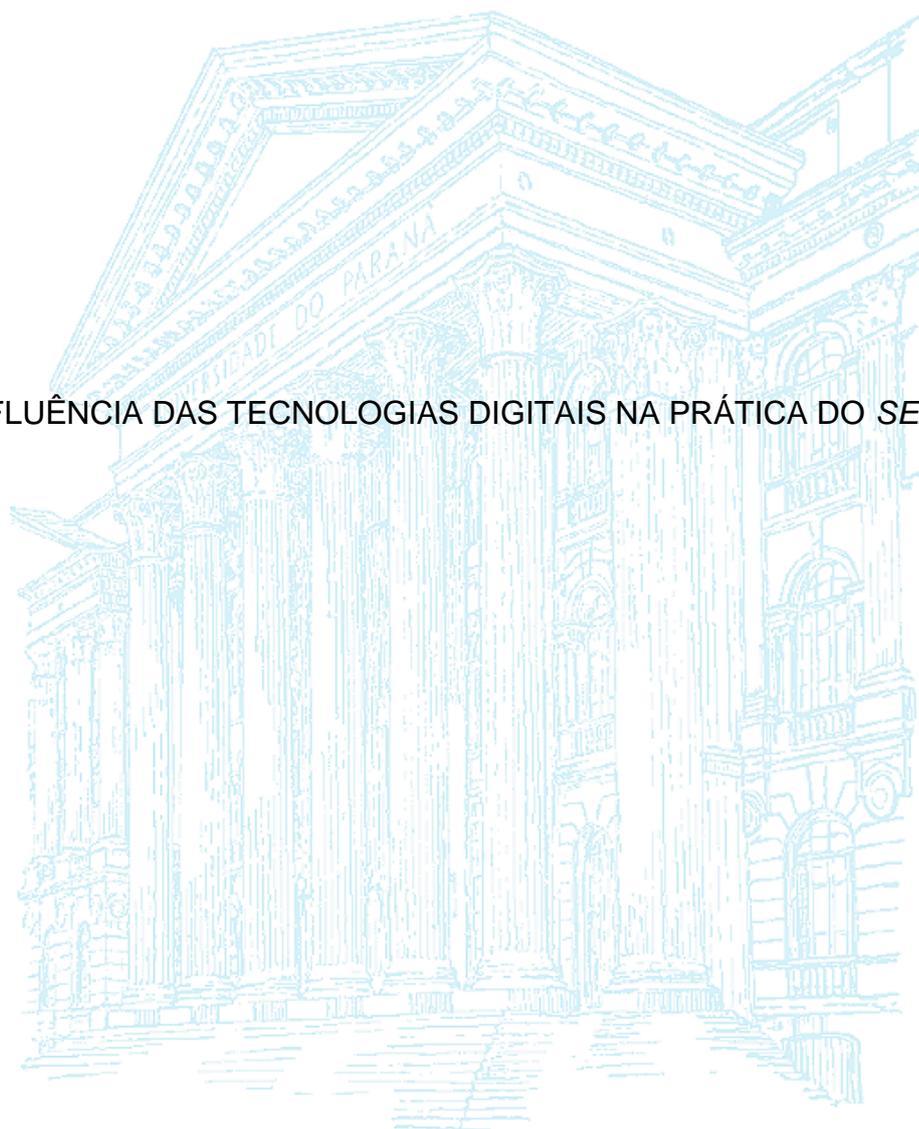


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NAYELLEN MARQUES GHISI

A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRÁTICA DO *SEXTING*



ITAMBÉ
2016

NAYELLEN MARQUES GHISI

A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRÁTICA DO SEXTING

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Liliam Maria Orquiza

Co-orientador: Clóvis Wanzinack

ITAMBÉ
2016

A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRÁTICA DO *SEXTING*

Nayellen Marques Ghisi¹ ; Liliam Maria Orquiza² ; Clóvis Wanzinack³

¹Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: nayellen@gmail.com

² Mestre em Ciência da Informação pela PUCCampinas, UFPR. E-mail: liliamorquiza@ufpr.br

³ Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), UFPR. E-mail: cloviswa@gmail.com

Resumo: Com o desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação, durante o século XX, é cada vez mais comum crianças e adolescentes estarem diariamente conectados através das redes sociais, sites de trocas de mensagens de textos, imagens e vídeos, como facebook, whatsapp, twitter e instagram. Com isso vem o risco da perda da privacidade, onde às vezes, algumas vítimas percebem em questão de segundos, sua intimidade escancarada. O surgimento dessas novas tecnologias, combinado com a disseminação dos smartphones possibilitou uma mudança de hábitos e da forma dos/as jovens se relacionarem, como a prática do *sexting*. O presente trabalho pretende, através do conhecimento dessa nova realidade, propor maneiras de intervir e conscientizar os usuários das mensagens instantâneas para a utilização dessas ferramentas de maneira adequada.

Palavras-chave: redes sociais; *sexting*; tecnologias digitais

1. INTRODUÇÃO

O *sexting* é uma prática recente, característica do século XXI, resultado de inúmeras transformações pelas quais a sociedade vem passando com o avanço e evolução dos meios de telecomunicações. Para Lemos (2004, p.4):

A era da conexão é a era da mobilidade. A internet sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem

novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público (onde estamos quando nos conectamos à internet em uma praça ou quando falamos no celular em meio à multidão das ruas?), a privacidade (cada vez mais deixaremos rastros dos nossos percursos pelo cotidiano), a relação social em grupo com as *smart mobs*, etc.

O termo *sexting* surge nos Estados Unidos da junção de duas palavras: *sex* (sexo) e *texting* (texto). Essa prática, que consiste no envio de mensagens de textos, imagens e vídeos com conotação erótica e sensual, vem ganhando espaço em terras brasileiras e preocupando pais/mães, educadores/educadoras, juristas, sociólogos, psicanalistas e a sociedade de forma geral.

No Brasil, de acordo com o artigo 241A do Estatuto da Criança e do Adolescente, tal prática se configura como crime:

Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008). – (Brasil, Estatuto da Criança e do Adolescente. ECA, Lei nº 8.069, de 13/07/1990.)

Com o uso indiscriminado por algumas pessoas de aparelhos eletrônicos, celulares e smartphones (celulares com tecnologias avançadas), que se tornaram uma “extensão corporal” de jovens e adolescentes, novos padrões de comportamento estão sendo observados.

Nunes (1996, p.129) relaciona as transformações nas instituições e na cultura social brasileira com as alterações políticas, econômicas e tecnológicas pelas quais o país passou a partir da década de 1970. Cita ainda que os/as jovens adquiriram novas formas de vivenciar a sexualidade e que as relações sociais passaram a ser balizadas pela mídia, promovendo uma radical mudança de valores e hábitos. Sobre essa Revolução Tecnológica, Falcão (2014, p.05), afirma que os/as adolescentes precisam pertencer a algum grupo ou meio para se sentirem aceitos, mas questiona: “o que acontece quando expostos ao fantástico mundo mediado pelas tecnologias digitais?”. A autora

também afirma que em muitos casos essa exposição pode ser desastrosa e causar danos irreversíveis nas vítimas. Castells (1999) já dizia que as redes virtuais são tão intensas quanto as presenciais e Rodeghiero (2012), afirma que talvez sejam até mais, uma vez que na esfera virtual a coragem aumenta até para quem normalmente é tímido. Outro agravante está na velocidade e alcance de propagação dos conteúdos publicados, onde gera maior proporção de fenômenos sociológicos, como a violência.

A humanidade parece viver uma crise de identidade quanto ao contexto atual. Como reflexo é denominada atualmente por sociedade pós-moderna, sociedade da informação, modernidade reflexiva, sociedade digital e outras tentativas de definir e caracterizar exatamente qual a sociedade em que hoje vivemos. A velocidade da propagação da informação e a acessibilidade aos recursos ofertados pelas tecnologias digitais promovem mudanças e incertezas. (FALCÃO, 2014, p.01)

Nem sempre os/as jovens utilizam a internet de maneira adequada e são muitas as motivações que os/as levam a expor sua privacidade na rede. Com os aparelhos eletrônicos surgindo em grande escala nos tempos modernos, esses usuários podem utilizá-los de formas diversificadas. Para boas ferramentas, as quais podem buscar e trocar informações ou expressar-se através dos muitos aplicativos, mas podem também ser utilizados para fins pouco recomendáveis, como a exposição de imagens da intimidade dos indivíduos, causando transtornos que podem até levar as pessoas envolvidas aos tribunais, causar transtornos psicológicos ou levar até a morte. É o que se pode chamar de mau uso desse veículo de comunicação (DAMASCENO, RAMPAZO E JACOMINI, 2015).

Até bem pouco tempo atrás, esses/essas jovens utilizavam cartas de amor e recadinhos românticos para demonstrarem afeição, prática que foi substituída na atualidade pelo *sexting*, sem se preocuparem com as possíveis consequências dessas ações. Além disso, muitas pessoas utilizam desse fenômeno como forma de vingança a algum relacionamento mal sucedido, procurando satirizar alguém, se divertir ou ainda alcançar popularidade entre um grupo de colegas.

Assim, escola, família e sociedade precisam atuar em conjunto para a formação ética e cidadã de crianças e adolescentes para que, através de mudanças comportamentais, possam atuar de maneira segura nas redes sociais. Como o uso dessas redes é uma realidade quase onipresente no mundo dos/das jovens, Rich (2013, p.31) afirma que se basearmos nossas decisões nas evidências científicas sobre como o uso das mídias influencia o desenvolvimento das crianças e sua saúde física, mental e social, poderemos manejá-las de modo que evitem danos.

Nesses tempos em que a tecnologia é quase onisciente, educar e orientar os jovens sobre os riscos e perigos ocultos da internet é algo essencial para o sadio desenvolvimento dos mesmos. Muitos pais e educadores, no entanto, sentem dificuldade em acompanhar os jovens, que assimilam as novas tecnologias a uma velocidade assombrosa. (Wanzinack e Scremin, 2014, p.29)

A fim de melhor entender esse fenômeno, o presente trabalho pretende investigar as motivações que levam jovens e adolescentes a se exporem nas redes sociais. Como objetivos específicos, podemos destacar: analisar as origens e a evolução do fenômeno *sexting*; identificar os efeitos na vida social dos/das adolescentes que foram vítimas do processo; quantificar a influência das tecnologias de comunicação e informação na propagação do *sexting*; propor soluções para que jovens se previnam contra essa prática; e, por fim, alertar para que estes utilizem as redes sociais de maneira segura, preservando sua privacidade.

2. METODOLOGIA

Para a compreensão do fenômeno *sexting* e a posterior intervenção junto às crianças e adolescentes, fizeram-se necessário primeiramente uma pesquisa bibliográfica e documental do que já foi produzido sobre o tema e um estudo aprofundado sobre o contexto em que jovens estão se expondo e as consequências desse processo. Lakatos e Marconi (2003) definem a pesquisa bibliográfica como fundamental para colocar o/a pesquisador/pesquisadora em contato direto com tudo o que foi produzido sobre o assunto a fim de propiciar

uma nova abordagem. Esse foi o ponto de partida deste trabalho e a busca por uma estruturação de etapas que organizem melhor o conhecimento e as formas de se alcançar os resultados. Para Fachin (2003), o conhecimento científico, saber o que é mais estudado e difundido, se apresenta como o resultado de uma investigação que segue uma metodologia baseada na coleta e análise de dados que nos permita criar e resolver problemas.

Assim, foi feito um estudo com o intuito de descobrir qual a compreensão dos/das jovens sobre o *sexting* através da pesquisa descritiva, um misto de pesquisa quantitativa e qualitativa, quando há um levantamento de dados e a análise de o porquê destes dados. Dalfovo, Lana e Silveira (2008) caracterizam a pesquisa como quantitativa, quando há o emprego da quantificação através de técnicas estatísticas, e como qualitativa, quando a informação coletada pelo/a pesquisador/a não é precisa, mas expressa através da análise comportamental e interpretação de textos falados ou escritos pelo/a entrevistado/a. Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p.09) colocam:

Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

A coleta de dados foi realizada durante o mês de outubro do ano 2015 e desenvolvida por meio de aplicação de um questionário com uma amostra intencional de 30 alunos/as de uma mesma turma do ensino médio de uma escola pública estadual, localizada no município de Maringá/PR. “A coleta de dados geralmente é realizada nestes estudos por questionários e entrevistas que apresentam variáveis distintas e relevantes para pesquisa, que em análise é geralmente apresentado por tabelas e gráficos.” (Dalfovo, Lana e Silveira, 2008, p.09). Esses dados foram classificados e analisados a fim de garantir uma maior precisão do fenômeno, conduzindo a um resultado com o mínimo de distorção possível. Como a pesquisa não envolve apenas a quantificação do fenômeno, mas a observação de motivações e comportamentos onde o intuito é desvendar a compreensão dos/as jovens acerca do *sexting*, foram feitas entrevistas e observação participante com as quais pretendeu-se verificar a

relação da realidade com o objeto de estudo, onde o foco de interesse foi justamente a perspectiva do/a participante.

A pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos seus participantes. Trata-se, portanto, de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. (OHIRA E DAVOK, 2008, p.10).

De acordo com Minayo (1994), a integração de dados qualitativos com dados quantitativos não é negada, e sim, estimulada a complementaridade desses dois modelos. Através do conhecimento desse fenômeno e a descoberta das razões desse comportamento, abre-se a possibilidade de propor novas práticas pedagógicas que previnam riscos para que os/as jovens utilizem as novas tecnologias de maneira responsável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças e os/as adolescentes enfrentam uma verdadeira crise de identidade sexual, proporcionada pelas inúmeras transformações culturais e tecnológicas. Nunes (1996, p.180) nos diz que a sociedade brasileira passa por uma contradição entre uma cultura repressora e tradicional da família e um ambiente sexualizado e permissivo da sociedade. O mesmo autor ainda atesta que “a sexualidade consumista do período contemporâneo criou também seu imaginário de fantasias e transgressões ideais” (NUNES, 1996, p. 209). Assim, a criança e o/a adolescente recebem inúmeras interferências de diferentes núcleos sociais. Lemos (2004, p.1) afirma:

O que está em jogo nesse começo de século XXI é o surgimento de uma nova fase da sociedade da informação, iniciada com a popularização da internet na década de 80, e radicalizada com o desenvolvimento da computação sem fio, pervasiva e ubíqua, a partir da popularização dos telefones celulares, das redes de acesso à internet sem fio.

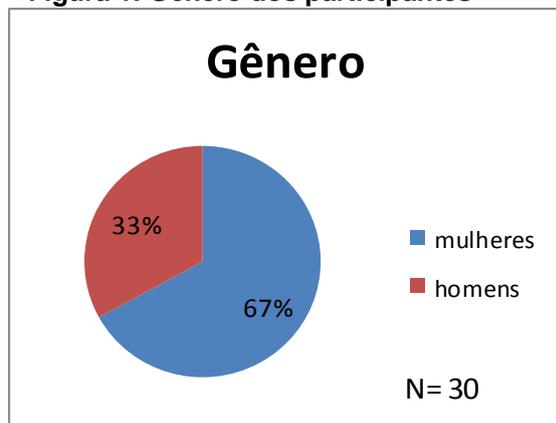
Dos 30 adolescentes matriculados no 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Maringá, norte do Paraná, que responderam ao questionário (Anexo I), todos/as disseram acessar alguma rede social ou utilizar algum aplicativo para trocas de mensagens instantâneas. Corroborando o que diz Lemos (2004), o celular se tornou uma espécie de “teletudo”, sendo utilizado não apenas para comunicação, mas como máquina fotográfica, filmadora, difusor de e-mails, televisão, tocador de música, entre outras funções.

Ao tornarem-se principalmente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica, as novas tecnologias de comunicação têm mudado a maneira pela qual as pessoas interagem entre si e com as informações recebidas pela rede. As tecnologias digitais geram processos de comunicação que conectam usuários do mundo todo, gerando um fluxo que, virtualmente, coloca todos em contato com todos, e no qual o controle do conteúdo postado é praticamente impossível, pois toda a informação é disseminada em níveis nunca antes experimentados. (MACHADO, PEREIRA, 2013, p.04)

Com a realização da pesquisa, os seguintes resultados foram obtidos: dos 30 estudantes que participaram, a maioria era do sexo feminino, 20 (67%), e apenas 10 (33%) do sexo masculino (Fig.1). A faixa etária ficou entre 15 e 18 anos e todos/as consentiram em responder ao questionário. Ao serem perguntados sobre quais aplicativos mais utilizam, todos/as ou 100% utilizam o whatsapp, 86% disseram utilizar o facebook, 63% o snapchat, 56% o instagram e 30% outros aplicativos, como o twitter, tumblr, Skype, entre outros (Fig.2). Isso reflete a influência das tecnologias digitais no convívio dos/as adolescentes. Falcão (2014, p.05) coloca que:

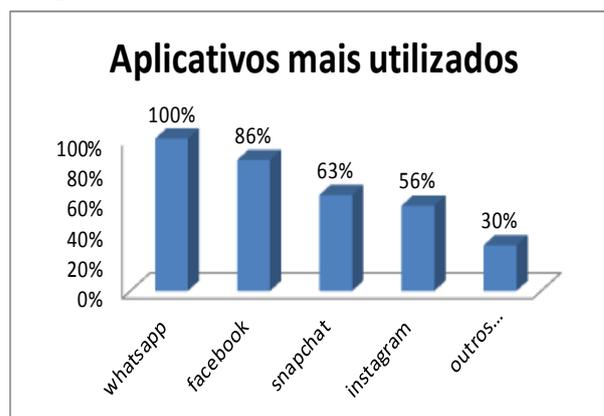
Com as novas modalidades de comunicação, esse público encontra-se por diversas maneiras muito exposto, pois por não cultivarem o desejo de solidão, integram-se muitas vezes às comunidades virtuais, onde suas imagens são esculpidas e lançadas ao olhar de quem quer que seja: são vigiados e desejam o ser.

Figura 1: Gênero dos participantes



Fonte: elaborado pelos/as autores/as, 2015

Figura 2



Fonte: elaborado pelos/as autores/as, 2015

Sobre o conhecimento do termo *sexting*, a maioria (67%) nunca ouvira a expressão, mas após explicação do fenômeno e conceituação, grande parte confessou já ter se envolvido com a prática, seja enviando, recebendo ou compartilhando imagens ou vídeos com conteúdo erótico ou sensual. O que nos chama atenção aqui é que dos 16 entrevistados/as que responderam já ter se envolvido com o *sexting* (53%), 8 (oito) eram do sexo feminino e 8 (oito) do masculino. Levando-se em consideração que a maior parte dos que responderam ao questionário eram mulheres (20), conclui-se que a prática é mais comum entre homens, uma vez que 80% deles já se envolveram com o *sexting*, contra 40% das meninas. Das mulheres que disseram já ter se envolvido, grande parte citou ter apenas recebido imagens de “nudes” e algumas também compartilharam esse tipo de conteúdo. Questionados/as se já postaram alguma foto ou vídeo pessoal de nudismo ou seminudismo, apenas um estudante do sexo masculino respondeu que “sim”, portanto, apenas 3% do total de 30 respondentes.

Ao responderem sobre as motivações que levam as pessoas a compartilharem esse tipo de conteúdo (Fig. 3), 66% disseram ser por diversão, 63% por vingança, 20% inveja e outros 20% não sabiam. Na pesquisa, observa-se claramente que o fenômeno está presente entre os/as jovens e que grande parte não percebe os riscos e as consequências que esse tipo de comportamento pode trazer. Questionados/as a opinar sobre os motivos pelos quais jovens abrem mão da sua privacidade enviando mensagens, imagens ou vídeos com conteúdo sexual, houve respostas como: “Muitas vezes a pessoa envia por pressão do outro ou por confiar demais, mas acabam se dando mal” [sic]. Ou ainda “Na minha opinião é a baixa auto estima, que precisa chamar a atenção” [sic]. Uma palavra que apareceu com bastante frequência nas respostas sobre a motivação do *sexting*, foi “imaturidade”. Percebe-se ainda nessa questão, que a palavra *confiança* esteve presente em grande parte das respostas e que os/as adolescentes acreditam que quando acaba o relacionamento, a confiança acaba também.

Figura 3



Fonte: elaborado pelos/as autores/as, 2015

As respostas para as indagações acerca das possíveis consequências para as vítimas do *sexting*, algumas foram: “Essas pessoas serão discriminadas na sociedade, serão desrespeitadas e humilhadas”. “Pode ocasionar depressão, isolamento, *bullying* e em muitos casos, a morte.”

Atualmente, um novo tipo de *bullying* vem causando estrago entre os/as jovens: o *Cyberbullying* ou *Bullying* Virtual, técnica que utiliza meios de comunicação digitais, como e-mails, redes sociais e mensagens de texto por telefone para injuriar, caluniar e difamar outra pessoa. Se considerarmos que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no dia a dia dos/as jovens como meio de comunicação, estudo ou diversão é imprescindível conversar e debater com as crianças e adolescentes os riscos e abusos que o uso dessas ferramentas admite. (MAIDEL, 2009).

O que causou bastante estranhamento foi a grande quantidade de respostas com conteúdo machista e discriminatório, como se as vítimas do sexo feminino “fizeram por onde” ou “mereceram” tal exposição. Um dos estudantes deu a seguinte resposta: “Essas pessoas podem entrar em depressão e até cometer suicídio. Ainda mais se a vítima for do sexo feminino, as consequências serão muito maiores, como ficar mal falada”.

A partir daí, fica evidente a necessidade de desconstrução da cultura da inferioridade feminina, enraizada durante séculos na nossa sociedade, construindo novas bases de relações e mudanças de práticas e atitudes nas relações pessoais, vencendo os preconceitos em relação à naturalização da violência de gênero.

[...] Temos condições históricas e teóricas de superar o reducionismo machista e as grandes contradições e preconceitos que cercam o modelo patriarcal. Não podemos mais conviver com rótulos e preconceitos que partem da superioridade ou inferioridade de homens e mulheres. (NUNES, 1996, p.193)

Ao perguntar se os/as estudantes acreditam que a prática do *sexting* deveria acabar 83% responderam que “sim”, através de campanhas de conscientização para se conhecer os riscos e as consequências desse tipo de ação, além de um maior acompanhamento dos pais ou responsáveis sobre o que os/as filhos/as estão compartilhando nas redes sociais, além de formas de punição para quem compartilha esse tipo de conteúdo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito cedo, crianças e adolescentes observam curiosas às mudanças em seus corpos e começam a vivenciar sua sexualidade. Com o surgimento de inúmeras dúvidas, e em situações onde a família não se mostra acessível a debater o tema sexualidade, a saída mais fácil é conversar com colegas, amigos/as ou ainda buscar informações em revistas, meios de comunicação e internet. O problema é que na maior parte dos casos, esses dados são fragmentados e os/as jovens se veem incapazes de absorver tantas informações, acabando por assumir riscos desnecessários.

Com o advento da modernidade e os avanços tecnológicos, muitas facilidades estão ao alcance dos indivíduos, como aparelhos celulares e *tablets* equipados com câmeras fotográficas e filmadoras. A partir daí, jovens se interessaram a enviar através das mídias digitais, fotos, textos ou vídeos onde seus corpos estão expostos, sem se preocuparem com possíveis divulgações dessas imagens.

Através de uma pesquisa realizada com alunos/as do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública, constatou-se que a maioria dos/as estudantes já se envolveu com a prática do *sexting*, enviando, recebendo ou compartilhando imagens de nudez ou semi-nudez, seja por exibicionismo, diversão, vingança, inveja ou até mesmo pelo simples fato de confiar na pessoa que um dia fez parte de sua vida. Falcão (2014, p.12) afirma: “Ao que parece, há prazer em se expor, em fazer do corpo um material de vislumbre, desejo, principalmente pelas redes sociais e com a acessibilidade facilitada aos equipamentos e recursos”.

As novas mídias possibilitaram uma interação em tempo real entre os usuários e a falta de uma formação ética e cidadã, fez com que crianças e adolescentes passem por diversas situações constrangedoras. No Brasil, o desconhecimento acerca do tema contribuiu para o mau uso das redes sociais, causando sofrimento, humilhações, adoecimento e em casos extremos até o suicídio de milhares de vítimas, já que não se pode controlar o alcance e a velocidade dos conteúdos publicados na “web”.

Dito isso, fica o alerta sobre o risco da superexposição na internet, através da publicação de fotos ou vídeos íntimos, já que nunca se sabe em quais condições um relacionamento pode terminar. Ao desvelar a compreensão de jovens e adolescentes acerca do *sexting* e as motivações de tal comportamento, é possível uma proposição de novas práticas que auxiliem na prevenção dos riscos e a busca pelo uso saudável e responsável das tecnologias digitais.

Assim, o *sexting*, por se tratar de um problema social tão urgente, deve ser discutido por toda a comunidade escolar de forma interdisciplinar, onde todos os envolvidos no processo educacional desenvolvam projetos de intervenção escolar para prevenir ou minimizar suas consequências, sendo a

necessidade de conhecimento do tema o pontapé para a formação de um/uma cidadão/cidadã consciente.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** – Lei nº 8.069, de 13/07/1990. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 04 nov. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DAMASCENO, Francisco das Chagas da Conceição; RAMPAZO, Leandra Fernandes; JACOMINI, Roselainy Luzia. Tema transversal orientação sexual: a exposição do corpo e os usos da tecnologia pelos adolescentes na Escola Estadual 19 de Maio de Alta Floresta/MT. **REFAF: Revista Eletrônica**, v.1, n. 4, p.48-61, 2015. Disponível em: <http://refaf.com.br/index.php/refaf/article/view/188/pdf>. Acesso: 15 jul. 2015.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FALCÃO, Patricia Mirella de Paulo. O “panóptico” como sentido de vigilância presentes nas tecnologias digitais de informação e comunicação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014. São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2014. Disponível em: <http://www.sied-enped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2014/article/view/764/264>. Acesso: 15 jul. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 2003.

LEMOS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón y Palabra**, n.41, oct./nov. 2004. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>. Acesso em: 04 jun 2015.

MAIDEL, Simone. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. **Revista electrónica de investigación y docencia (REID)**, n.2 p. 113-119, jun. 2009. Disponível em: <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n2/REID2art7.pdf>. Acesso em 24 jun. 2015.

MACHADO, N. V; PEREIRA, S. C. Sexting, mídia e as novas representações da sexualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 36., 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1134-1.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

NUNES, Cesar Aparecido. **Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar**, 1996. 330 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

OHIRA, M. L. B.; DAVOK, D. F. **Caminhos do TCC...Roteiro para elaboração de projeto de pesquisa**. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.

RICH, Michael. As Mídias e seus Efeitos na Saúde e no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: Reestruturando a Questão da Era Digital. In: ABREU,

Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais.** São Paulo: Artmed, 2013. p. 31-46

VIDA, Adiméia Bom Sucesso Dias Coelho, CARVALHALVES Delano. **O Risco da Alta Exposição Pessoal nas Redes Sociais.** Disponível em: http://www.techoje.com.br/site/techoje/categoria/detalhe_artigo/1777, dia 15/07/2014, 11h e 50 min.

WANZINACK, Clovis; SCREMIN, Sanderson Freitas. Sexting: comportamento e imagem do corpo. **Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar/Matinhos/V.7, n.2, jul./dez./2014.**

ANEXO I
QUESTIONÁRIO SOBRE SEXTING

Observação: Este questionário faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada para a obtenção do grau de especialista em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal do Paraná. O objetivo desta pesquisa é investigar mais sobre *sexting*. Solicitamos a gentileza de preencher as questões abaixo, assegurando que sua identidade será mantida em sigilo absoluto. Por favor, seja o mais sincero(a) possível. Obrigada!

Idade: _____ Gênero: _____

1 – Você acessa alguma rede social ou utiliza algum aplicativo para troca de mensagens instantâneas?

() sim

() não

2 – Se sim, qual(is)?

() facebook

() whatsapp

() snapchat

() instagram

() outros _____

3 - Você já ouviu falar em *sexting*?

() sim

() não

CONCEITO: O termo *sexting* surge nos Estados Unidos da junção de duas palavras: *sex* (sexo) e *texting* (texto). Essa prática que consiste no envio, compartilhamento e postagem de mensagens de textos, imagens e vídeos com conotação erótica e sensual por meio de tecnologias digitais (sites de redes sociais, *tablets*, celulares e computadores).

4 – Você já se envolveu com a prática do *sexting*?

() sim

() não

5 – Se sim, de que maneira?

() enviando

() recebendo

() compartilhando

6 – Você já postou alguma foto sua ou vídeo com imagens de nudismo ou semi?

() sim

() não

7 – Por que você acha que uma pessoa compartilha imagens ou vídeos de conotação erótica de outra pessoa?

() diversão

() vingança

() inveja

() não sei

8 – Em sua opinião, por que jovens abrem mão da sua privacidade ao enviarem mensagens ou vídeos de nudismo ou semi?

9 - O que você acha que pode acontecer com pessoas que são vítimas do *sexting*?

10 – Você concorda que essa prática deveria acabar?

() sim

() não

11 - Em sua opinião, o que deveria ser feito para acabar com essa prática?

OBRIGADA POR PARTICIPAR DESTA PESQUISA!

ANEXO II

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Entrevistado:

Entrevistador: Nayellen Ghisi

1 – Em que situação você se envolveu com o *sexting*?

2 – O que te motivou?

3 – Você estava consciente das consequências possíveis dessa prática?

5 – Você repetiria a ação atualmente?

6 – Você conhece outros casos?

7 - O que você acha que acontece no núcleo familiar das vítimas?

8 – A que riscos você acredita que a pessoa que pratica o *sexting* possa estar sujeita?

9 – Você acha que essa prática precisa acabar? Por quê?

10 – Você acredita que o *sexting* possa estar relacionado com o sexismo? (explicar que é a atitude de discriminação fundamentada no sexo)